

MOÇÃO Nº 14.706/2012

**Manifesta pesar pelo passamento
de Dom José Rodrigues, ex-bispo
da diocese de Juazeiro-BA.**

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA, faz inserir na Ata de seus trabalhos uma **MOÇÃO DE PESAR** pela morte de **DOM JOSÉ RODRIGUES**, ex-bispo da diocese de Juazeiro-BA.

Dom José Rodrigues de Souza, bispo emérito de Juazeiro-BA, faleceu no dia 09 de Setembro de 2012, no Hospital Santa Mônica em Goiana-GO, e foi sepultado em Carnaíba do Sertão, distrito de Juazeiro-BA, deixando com legado o exemplo de simplicidade, coragem e fé. Se faz necessário fazer uma breve e rica biografia com o propósito de deixar registrado nos anais desta **CASA LEGISLATIVA**, cumprindo o dever de cidadão baiano e parlamentar, de homenagear essa insigne figura, que prestou relevantes serviços evangélicos e sociais, na região do Vale Do São Francisco, especialmente na Diocese de Juazeiro-BA, durante 28 anos de trabalho.

D. José Rodrigues de Souza nasceu no dia 25 de março de 1926, em Paraíba do Sul – RJ, ainda criança entrou para a Congregação do Santíssimo Redentor, fazendo profissão religiosa no dia 02 de fevereiro de 1946, e ordenado sacerdote no dia 27 de dezembro de 1950, em Tietê – SP. Em 12 de dezembro de 1974, o Papa Paulo VI o nomeou Bispo de Juazeiro – BA. Aos 09 de fevereiro de 1975 foi ordenado bispo, e no dia 16 de fevereiro tomou posse na Diocese de Juazeiro, sucedendo o primeiro Bispo, D. Tomás Guilherme Murphy. De 1975 a 2003 exerceu seu episcopado na Diocese de Juazeiro, com o lema: “Enviou-me a evangelizar os pobres”, Lucas 4,18. Ao chegar a Juazeiro, logo fez visitas pastorais a todas as paróquias da diocese, conhecendo a realidade com os seus problemas, desafios e perspectivas, e deu seqüência a ação pastoral deixada por D. Tomás Guilherme, fazendo atualização em vários setores da diocese; reforçou o quadro de agentes pastorais, a exemplo da chegada de várias congregações religiosas, da formação do clero diocesano e investiu na formação de lideranças leigas. Abraçou a defesa das populações desalojadas pela construção da Barragem de Sobradinho, e pela implantação dos projetos da agricultura irrigada no vale do São Francisco. Defendeu os pequenos proprietários e posseiros contra a grilagem de terra. D. José Rodrigues foi uma espécie de marinheiro que não temia tempestade, era uma montanha que não se abalava com os protestos dos poderosos, não fugia de odisséia, sempre ancorado nos fortes princípios da fé cristã, sem esquecer o social, combatendo o bom combate, no cumprimento da missão. Recebeu da imprensa a denominação de: “O Bispo dos Oprimidos”. Estimulou a comunicação como forma educativa, criou programas informativos, com grande valia social, nas rádios de Juazeiro - BA, Petrolina - PE e São Raimundo Nonato-PI. Recebeu em homenagem ao seu laborioso trabalho, diversos títulos e comendas, de diversas entidades, que poderei citar alguns para não me alongar, como por exemplo: O BISPO DA CAMINHADA, concedido pela organização das CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), em assembleia, articulado por todas as paróquias da Diocese de Juazeiro. O seu trabalho foi reconhecido por outras denominações religiosas, a exemplo da

homenagem recebida da Igreja Batista de Nazaré, aqui, em Salvador. Recebeu título de cidadão de vários municípios, inclusive o título de cidadão Soteropolitano da Câmara Municipal de Salvador, em Juazeiro, além do título de cidadão juazeirense, recebeu a maior comenda do município, o título de: "CIDADÃO EMÉRITO –BARÃO HOMEM DE MELO". Recebeu também, no dia 05 de junho de 2003, o título de cidadão baiano, aqui, nesta honrada Casa Legislativa. O Bispo D. José Rodrigues fez um discurso memorável, orador nato, eloqüente por princípio e vocação, um discurso acalorado, um bom pastor, a sua arma era a palavra que dizia e doutrina que pregava, e dessa forma elogiou a Bahia, entretanto, teceu algumas críticas, que, a meu ver, merecidas. Vou transcorrer alguns trechos do discurso do Bispo D. José Rodrigues: - "Chego a BAHIA, a Bahia com "H" no meio. Enquanto me consta, é o único privilégio que o formulário Ortográfico de 1943, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, concedeu a nossa Terra pela tradição histórica secular: e bem que merecido, pois, a Bahia é a Alma-Master do Brasil. Na Biblioteca Diocesana, tenho dois exemplares da mais importante HISTÓRIA DA BAHIA, de Luiz Dias Tavares. Antes de mim, chegaram a Bahia os Portugueses, no dia 22 de abril de 1500, na esquadra do almirante Pedro Álvares Cabral, composta de treze naus e 1500 homens, em Porto Seguro. Desse acontecimento histórico temos a célebre Carta de Pero Vaz de Caminha, chamada "CERTIDÃO DE NASCIMENTO DO BRASIL". "O Dois de Julho" em minha Terra, as margens do rio Paraíba do Sul, Tiradentes sonhou a independência do Brasil, sendo por isso enforcado! No DOIS DE JULHO DE 1823, na Bahia, completou-se o "Grito do Ipiranga"! O grito sufocado na garganta de Tiradentes, explodiu vitorioso nas gargantas dos baianos. O DOIS DE JULHO é a única Festa Cívica Popular Brasileira que não precisou de Governo para existir! Governo no DOIS DE JULHO é penetra, nos dizeres do historiador Cid Teixeira. Não permitam nunca, Srs. Deputados e Deputadas, que se troque o nome DOIS DE JULHO por qualquer outro nome. Antes de chegar a Bahia, ouvira este anexam da boca de um figurão da República: No Brasil existem três tipos de justiça, a justiça boa, a justiça ruim e a justiça da Bahia: nem boa, nem ruim, mas péssima". O grande Otávio Mangabeira, decifrando, como ninguém, o espírito baiano, afirmara: "Pense um absurdo, que na Bahia existe precedente". O absurdo foi estampado na imprensa: Em 08 de fevereiro de 2003, O Jornal A Tarde publicou em manchete; GRAMPO ILEGAL: "Secretária de Segurança Pública da Bahia gravou conversa de Geddel com FHC, Serra e Wagner". Foram 232 telefones grampeados. Em 17 de abril de 2003, voltava o Jornal A Tarde a denunciar: "Grampearam o delegado Gesival de Souza Gomes, que investiga os grampos". Diante de tantos fatos como este, compreendo o desabafo de Rui Barbosa, sobre o triunfo das nulidades..." Essa ilustre figura religiosa, para alguns, polêmica, foi membro da ABI (Associação Baiana de Imprensa), foi membro fundador da Academia Juazeirense de Letras, da qual foi o seu 2º presidente, foi membro fundador e 1º Presidente do IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agricultura Apropriada), Foi Presidente CPT do Regional Nordeste 3 (Bahia e Sergipe), foi Presidente da CPP (Conselho Pastoral dos Pescadores a nível Nacional), Fez depoimento na CPI das enchentes do Rio São Francisco, na Câmara Federal, fez depoimento na CPI da grilagem de terra, aqui, nesta Assembléia Legislativa, fez depoimento na CPI do Terror (Mista: Senado e Câmara Federal), promoveu trabalho de educação política com subsídios publicados pela Diocese de Juazeiro, com distribuição de cartilhas orientadoras e de cunho social, os poderosos da Bahia e do Brasil não gostaram, e veio a reação, deflagrando uma onda de perseguição ao Bispo D. José Rodrigues, a casa do bispo foi invadida nas caladas da noite a procura de algo que comprometesse a conduta moral e cristã de D. José Rodrigues, pichações e distribuições de panfletos clandestinos fazendo intimidações. Tudo isso, em pleno Regime da Ditadura Militar. Na madrugada de 27 de dezembro

de 1986, foi chamado para negociar a liberdade de uma família de Juazeiro que estava seqüestrada na mão de assaltantes no meio da ponte entre Juazeiro e Petrolina. Sem temer qual consequência, atendeu ao chamado, e depois de várias horas de tentativas para convencer os assaltantes, D. José Rodrigues acabou virando o principal refém. Passado o dia todo no calor do sol, com policiais de lada a lado da ponte, no final do dia os seqüestradores seguiram viagem levando os reféns: a família e o bispo D. José Rodrigues. Viajaram toda noite pelas estradas de Pernambuco e Ceará, somente pela manhã do dia 28 de dezembro, próximo a cidade de Barbalha – CE, os reféns foram liberados. Os dois seqüestradores eram dois fugitivos de uma penitenciária de Brasília, que algum tempo depois, foram reconduzidos para a prisão. Um deles teve a ousadia de convidar D. José Rodrigues para celebrar o seu casamento na penitenciária, D. José prontamente aceitou, e celebrou o casamento do seu seqüestrador. Finalizando, diria: que, na sua despedida da Diocese de Juazeiro, o bispo D. José Rodrigues fez essa reflexão: - “ Da minha Terra, palco da tragédia de Tiradentes, levei para a vida: o anseio pela liberdade, a rebeldia contra toda forma de dominação, a luta pela libertação do homem e da mulher de tudo aquilo que fere ou esmaga a dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Lutei pelos pobres da minha diocese, hoje, diante de vocês, renovo minha opção pelos pobres, desde pequeno, optei pelos pobres! Quis ser padre e depois, fiquei bispo, sempre do lado dos pobres! Acrescento, pobre cheguei a Diocese de Juazeiro, pois sou religioso com voto de pobreza, e pobre vou embora, não levarei nem os meus livros da biblioteca com dedicatórias carinhosa Amim. Quando seminarista, aprendi de cor o Soneto “DESPEDIDA”, guardei a ultima estrofe do soneto! É assim que o poeta descreve a despedida: “ Trocam-se as doces expressões finais e quando os lábios dizem: “até breve! Os corações murmuram: “Talvez nunca mais!” Assim viveu e assim morreu, o bispo D. José Rodrigues, o bispo dos excluídos, como era conhecido.

Solidarizo-me com a família católica enlutada e, após a tramitação regimental dê ciência da presente moção a o Cardeal Primaz do Brasil Dom Murilo Krieger a diocese de Juazeiro-BA, ao Presidente da Câmara Municipal de Juazeiro-BA, ao Sr. Prefeito do Município Juazeiro-BA, aos amigos e autoridades municipais.

Sala das Sessões, 20 de Setembro de 2012.

LUCIANO SIMÕES
Deputado Estadual